



atarde.com.br/cultura

O senhor já escreveu sobre o Carnaval, Dorival Caymmi, os movimentos negros e a capital baiana no período de Edgard Santos como reitor da Ufba. Agora lança um livro que faz um percurso sobre as casas brasileiras, que vai da oca tupi ao programa Minha Casa Minha Vida. O que levou o senhor a escrever sobre a casa (ou as casas) no Brasil?

Este novo livro, embora seja totalmente independente, dialoga com um livro anterior, *A Cidade no Brasil*, que foi publicado há uns sete anos. Na verdade, posso falar de um tripé, porque, entre um e outro, publiquei *Mulher, Casa e Cidade*, que costumo dizer que é meu livro feminista, examinando as relações das mulheres com o espaço doméstico e o espaço urbano. Era natural que eu acabasse escrevendo sobre esses temas. Sempre me interessei muito por arquitetura e urbanismo. Particularmente de administrações municipais, me envolvendo em profundidade e, na prática, com questões urbanas. Trabalhei com arquitetos como Lina Bo Bardi e João Filgueiras Lima (Lelé). E também sempre reclamei da escassez de estudos de antropologia urbana no Brasil, o que tem diminuído só de uns poucos anos para cá. Com isso, fui escrevendo e publicando coisas sobre o assunto.

De que maneira, a casa diz da cultura de um bairro, uma cidade ou um país?

Você pode ver isso de diversos ângulos. Os materiais de construção e o clima, por exemplo, não determinam a forma ou o caráter de uma casa. Tanto é que as casas podem variar muito dentro de uma mesma circunstância ecológica ou de um mesmo conjunto de cultura. De uma outra perspectiva, é correto dizer que a moradia é o lugar onde as desigualdades sociais se apresentam de maneira mais ostensiva. Um pescador pode comer tão bem quanto um banqueiro, fritando seu peixe na beira do mar. Mas a distância entre a cabana e a mansão é um escândalo. O Louis Wirth (sociólogo alemão) costumava dizer que uma civilização pode ser julgada pelas condições mínimas de moradia que tolera.

Como foi o processo de escrita do livro, do ponto de vista da pesquisa e do levantamento de material histórico?

Nunca mergulhei em nenhuma pesquisa particular com vistas à composição de um determinado livro. Eu leio sem parar e estou sempre estudando algum assunto, num espectro muito amplo de interesses, que pode ir da vida sexual dos indígenas a problemas atuais de distribuição de renda ou da crise dos partidos políticos, passando pela poesia medieval. Estou sempre tomando notas, rabiscando, escrevendo artigos e ensaios. Assim, há determinados momentos em que as coisas se encaixam todas e me vejo em vésperas de escrever um livro. Daí, sento e boto no papel tudo que penso sobre o assunto. Vou conversando e discutindo com amigos, pessoas ligadas naqueles temas. E faço isso sem qualquer predisposição ideológica e sem pressuras acadêmicas.

As discussões sobre cidade e moradia envolvem questões sobre as identidades com a terra, a dimensão social da

2



Duane Carvalho / Divulgação

MÚSICA DEPOIS DE ALGUNS ANOS PARADA, A DUPLA CONQUISTENSE CAIM VOLTA À CENA E ENTRA EM ESTÚDIO PARA GRAVAR

JULY GRANDES NOMES DA COZINHA BRASILEIRA SE REÚNEM EM SALVADOR 2

ENTREVISTA Antonio Risério, antropólogo e escritor

"ESTAMOS ATRAVESSANDO A PIOR CRISE URBANA"

DANIEL OLIVEIRA

Após percorrer muitos universos, do Carnaval aos movimentos negros, da história de Salvador ao mundo de Dorival Caymmi, o antropólogo, escritor e poeta Antonio Risério dedica-se às casas brasileiras em seu novo livro, *A Casa no Brasil*, que será lançado hoje, às 19h, no Café Solar – Rio Vermelho. Como destaca o historiador Jorge Caldeira, na apresentação da obra, o autor "vai construindo, tijolo por tijolo, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, do puteiro ao convento, do mato à favela, do cortiço ao palácio, dos milênios passados ao amanhã, a tessitura funda da vida brasileira – a vida em casa". Nesta entrevista, Risério fala desse novo trabalho, das casas brasileiras, dos processos históricos de urbanização, além das problemáticas contemporâneas sobre as cidades.



Walter Craveiro / Divulgação / 2.7.2015

Um pescador pode comer tão bem quanto um banqueiro, fritando seu peixe na beira do mar. Mas a distância entre a cabana e a mansão é um escândalo

Se a burguesia, o empresariado e os governantes quisessem, eles acabariam com a falta de moradias para a população brasileira

Condomínios fechados são endaves antiurbanos, antisociais, que afastam e alienam

propriedade, os movimentos sociais, segurança pública, cultura, serviços básicos. Como lidou com essa multiplicidade de problemáticas?

Quando escrevo, me coloco, por assim dizer, sob o signo de Oxóssi. Sou um caçador e vou atrás da minha caça. Persigo-a em todos os cantos possíveis. E não me preocupo com método. Etimologicamente, aliás, método significa caminho. É algo que se vai construindo e não um conjunto de regrinhas dadas aprioristicamente. O que me interessa é alvejar a caça, sem me perguntar sobre o tipo de madeira que foi feita a flecha.

Quais as tendências que exigem para a moradia brasileira?

Estamos vivendo uma situação inédita em escala planetária. Costumo dizer que está passando a época em que podíamos nos dar ao luxo de fazer escolhas – e que breve seremos, pura e simplesmente, obrigados a escolher, sem alternativas. A menos que queiramos desaparecer como espécie. E somos levados a isso pela contextura ambiental do planeta. Não temos mais como continuar consumindo descontroladamente os recursos naturais do mundo. A cidade do excesso vai ficar para trás. Mas, para que tenhamos casas ambientalmente corretas e eficientes,

vamos precisar de mais e mais tecnologia para isso. É o que já começamos a ver em algumas construções, sob rótulos como prédio inteligente, casa verde. A tendência mundial vai em direção à configuração de unidades residenciais ecotecnológicas.

Na divulgação do livro, o senhor é apresentado como antropólogo, historiador, poeta, produtor cultural e polemista. Como percebe essas diferentes facetas na sua trajetória?

Não tenho exatamente uma formação. Nunca cursei universidade. Deixei de frequentar a escola no início do curso colegial – e fiz isso porque gostava de estudar. Não aguentava ficar perdendo meu tempo na escola. Então, estudei as coisas que mais me interessavam e comecei a escrever livros. Acontece que alguns de meus trabalhos começaram a ser adotados em universidades e, então, pedi o direito de defender uma tese. Permitiram. E foi assim que defendi uma tese de mestrado em sociologia com especialização em antropologia. Então, essas coisas não existem em mim separadamente. Elas são a matéria da minha personalidade, elas são eu.

Em relação ao polemista, como entende isso?

Já ia dizer: menos essa bobagem de polemista. Não sei se alguém escreve com a intenção de ser um polemista,

talvez sim, mas não é o meu caso. Escrevo o que penso, simplesmente. Agora, o que penso dificilmente coincide com os pensamentos conjuntamente dominantes. Daí, vem o choque. Mas não escrevo buscando esse enfrentamento. Longe disso. Apenas não abro mão do que penso, a menos que provem que estou redondamente enganado.

O senhor já criticou o programa Minha Casa Minha Vida por uma certa precarização da moradia no Brasil, o que, por sua vez, é um fato contínuo na história do país e envolve fortemente a desigualdade social. Considerando as experiências nessa área ao longo dos séculos, discutidas no livro, qual é o principal desafio do país para superar esse problema?

No Brasil, a preocupação com a questão da habitação popular é coisa mais recente. A Bahia, aliás, foi pioneira nesse campo, com a vila operária construída por Luiz Tarquínio (político, empresário e escritor). Mas o raciocínio era que aquele era um problema da iniciativa privada. A questão só vai ingressar mesmo na esfera governamental com Getúlio Vargas, na ditadura do Estado Novo. Ali, Vargas deu as costas à democracia política, mas entrou no campo da democracia social, inclusive assentando uma legislação trabalhista que atravessaria décadas. Nes-

se movimento, convocou gente do primeiro time da arquitetura brasileira para construir casas de alta qualidade para os trabalhadores, que incorporavam serviços públicos essenciais, lazer. Mas isso se perdeu. O que tivemos depois foi o BNH da ditadura militar e seu herdeiro, o programa Minha Casa Minha Vida dos governos petistas. Temos, por isso mesmo, de retomar, em novo contexto e sob novas luzes, a experiência habitacional do populismo varguista.

Qual é o estágio atual do debate público sobre a cidade e a habitação?

Atravessamos hoje a maior e pior crise urbana da história do país. Todo mundo sabe que o déficit habitacional é um escândalo social. Como se não bastasse, todo mundo concorda que é preciso fazer, com urgência, uma grande reforma urbana nacional. Foi uma das principais promessas do programa de Dilma Rousseff ainda em 2010, depois jogada no lixo. E todo mundo concorda que todo mundo tem direito a ter um lugar onde morar. No entanto, nada acontece. Se a burguesia da construção civil, o empresariado em geral e os governantes quisessem, eles conjuntamente acabariam com a falta de moradias para a população brasileira, até porque temos um déficit de cerca de sete milhões de casas e esse é também, mais ou menos, o número de imóveis ociosos, fechados, sem função alguma, nas cidades brasileiras. Ou seja: como essa turma poderosa não move uma palha, a sociedade é que vai ter de realmente entrar em campo para que possamos vir a ter cidades melhores e casas para todos. Uma luta e tanto. Mas, se a gente for esperar pelo mercado e pelos governantes, só teremos migalhas.

Há discursos presentes na sociedade brasileira hoje sobre a necessidade de evitar a exposição à rua, sobretudo em certos horários, e ao mesmo tempo de cuidar da segurança da própria casa, como proteção da propriedade, mesmo que seja necessária a defesa armada. Já tínhamos esse processo de fechamento acontecendo com a emergência dos condomínios fechados de casas e prédios. Como isso impacta nas relações sociais?

Se a população não ocupar as ruas, os espaços públicos, ela será fatalmente esconderada, ficará sem acesso a uma e outra coisa. Condomínios fechados são endaves antiurbanos, antisociais, que afastam e alienam. O que as pessoas mais desenvolvem, nesses espaços fechados, é a irresponsabilidade cívica. Como se acham seguras, em lugares relativamente limpos e bem cuidados, estão se lixando para a cidade e a vida cidadã. Além disso, o condomínio fechado bloqueia o que há de mais rico na vida das cidades e na formação dos cidadãos, que é a troca viva de experiências, as realidades contrastantes e a presença do acaso. Com tudo isso, o que temos é um enorme empobrecimento no plano das relações interpessoais. Para resumir, digo que a conjunção de três forças trouxeram nossas cidades à situação em que elas se encontram: expansão, segregação e excludão. Diante disso, só há uma saída: reinventar a vida urbana.